Ano XVIII — Lisboa, Março de 1962 — N.º 203

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Galardoado com a medalha «Lis de Prata» da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A hora de esforço continua

Há poucas semanas, quando os amigos deste jornal se reuniram para festejar a publicação do número 200.º, foram lidos alguns períodos do artigo de fundo do primeiro número do «Sempre Pronto».

Convém lembrar que, na altura em que essas linhas foram escritas, atravessava-se aquela época em que se pressentia, ou desejava, qualquer coisa de novo que não se poderia bem explicar que se tratava. Vivia-se numa atmosfera de expectativa. O mundo envolvera-se numa tremenda conflagração, como até aí não havia memória, para, num gigantesco arranque, solver de vez as angustiosas crises que, de hora a hora, faziam periclitar a tranquilidade, a paz e o progresso por que todos ansiavam. Numa decisão heróica, milhares de homens dispuseram-se a sanar, sacrificando as suas comodidades, essa deplorável situação.

Era esta atmosfera de instabilidade que justificava o título desse artigo: «Hora de Esforço», feliz legenda para as ideias que flutuavam então nos espíritos de todos os povos de boa vontade.

Nessa primeira página do jornal afirmava-se, a certa altura:

«É lamentável que tivesse sido necessária esta guerra para despertar os homens da letargia em que jaziam e só agora procurassem atacar de frente problemas que de há muito deveriam estar resolvidos e cuja solução, talvez, tivesse evitado este conflito». Não há que duvidar da sinceridade com que estas palavras foram escritas. Porém, quando nos debruçamos nelas, não podemos deixar de manifestar uma sensação de amarga ironia perante o ludíbrio imposto aos sentimentos que presidiram à elaboração de tais afirmações. É que, dezassete anos volvidos sobre o momento que deu azo a essas expressões de fé, verificamos que nesta pobre Humanidade em nada se progrediu, a não ser na manifestação de forças negativas ou na proliferação dos instintos inferiores, o que nos faz tentar dizer, como o Eclesiastes, que nada de novo há debaixo do sol.

Estes factos, longe de nos atemorizarem ou desanimarem, devem contribuir para que impunhamos a nós próprios a obrigação de continuarmos a nossa cruzada, a nossa hora de esforço, empregando nela toda a tenacidade, a fim de ser garantida a sobrevivência daqueles ideais que podem dignificar e elevar a sociedade onde vivemos.

Hora de esforço. A história da Humanidade tem sido, em todo o momento, a exemplificação dessa hora de esforço a que nos vimos referindo. Desde os primeiros tempos, em que a vida humana era uma autêntica demonstração de luta contra todas as contrariedades de um elemento hostil, onde os mais comezinhos meios de subsistência escasseavam, desde esses tempos, dizíamos, até a épocas mais recentes, em que verdadeiros cataclismos pareciam querer abalar as instituições que o génio humano criara, é-nos dado apreciar a ingente caminhada através dos séculos, em procura de uma solução para os momentosos problemas que a vida do Homem põe em equação.

Falava-se, nesse primeiro artigo, que era chegada a hora «de trazer todo o calor do nosso entusiasmo a todas as obras que visem o Amor, o Progresso e a Beleza».

Não se equivocara o articulista ao brandir com esses pensamentos. Hoje, sòmente temos a acrescentar que essa hora ainda não tocou o termo; prossegue. Essa hora é uma hora de todo o momento, porque agora e sempre é o tempo próprio para lutar, com todas as nossas forças mo-

Pág. 2 ——→

Os Escoteiros de Portugal manifestaram o seu repúdio pela agressão da Índia

Representando a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, o Escoteiro-Chefe-Geral, Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva; seu adjunto Sr. Albano da Silva, Comandante Diogo Afonso, Secretário-Geral; e Eng.º Nobre Santos, Director da Escola Central de Chefes, foram recebidos em 5 de Fevereiro pelo Senhor Presidente da República, a quem entregaram a seguinte mensagem:

A direcção da Associação do Escoteiros de Portugal e outros dirigentes responsáveis dessa associação educativa da juventude portuguesa vêm, em seu nome e em representação dos seus associados, afirmar inequìvocamente à Nação, na pessoa do seu mais alto magistrado, total repúdio pela agressão que a União Indiana levou a cabo contra os territórios secularmente portugueses de Goa, Damão e Dio, que constituem o Estado Português da Índia.

Tomamos esta posição no grave momento em que vivemos porque: 1.º Entendemos que é sagrada qualquer parcela do território nacional legado pelos nossos antepassados e que o ataque à mão armada contra uma população pacífica protegida por forças de proporção ínfima às forças atacantes representou o acto agressivo, de roubo e de cobiça, de um país contra territórios, gentes e bens de outro país;

2.º Todos os actos desta natureza são uma ofensa grave à liberdade das nações e dos povos que as constituem, ao direito internacional e à convivência pacífica e ferem os princípios de entendimento humano pelos quais o escotismo sempre pugnou;

3.º A agressão da União Indiana, integrada nos mesmos desígnios que nos levam à necessidade de defesa em outros pontos do território pátrio, ofende gravemente a nossa consciência de Portugueses e de Escoteiros, pois as leis escotistas impõem antes de tudo que sirvamos e amemos a Deus e à Pátria e favoreçamos meritòriamente a boa vizinhança e amizade dos povos, independentemente de religião, raça e classe.

Procedendo assim, identificamos os princípios básicos do escotismo com os destinos da missão portuguesa no Mundo, que através dos séculos uniu em determinação de paz os povos que formam a Nação Portuguesa e constituem verdadeira pluralidade racial.

Porque cremos na justiça do primado histórico dessa acção universalista e da sua evolução no futuro, afirmamos o nosso orgulho nos portugueses que, em qualquer latitude, têm de defender Portugal, pelas armas e pela inteligência, fazendo nós próprios igual dádiva neste momento de perigo para a nossa querida Pátria.

Pág. 2 ——→

A hora de esforço continua

← Pág. 1

rais e físicas contra tudo o que não possa contribuir para a realização dos ideais que inspiram as nossas vidas.

Há poucos dias, apenas, tivemos ensejo de assistir a uma reunião em que um grupo de homens que viveram, há algumas décadas já, os mais belos momentos do escotismo na nossa terra, tratavam não só de promover a comemoração desses inolvidáveis acontecimentos que perduram como experiência sem igual, como também de apreciar os meios de que poderiam dispor para tornar o nosso movimento mais apto a oferecer ao rapaz de hoje os privilégios de que, nesses ditosos tempos, eles próprios tiveram a oportunidade de disfrutar. Quer dizer, esse grupo de boas vontades tem a consciência de que a hora de esforço não passou; antes, compreende que persiste a necessidade de fazer algo que possa levar a mocidade dos nossos dias a tentar essa experiência que, para eles, constitui talvez o espólio mais precioso das suas recordações.

Nos duzentos números do «Sempre Pronto» revela-se essa mesma preocupação de incitar os jovens portugueses a entrarem no grémio escotista. Mês após mês, as suas páginas não querem outra coisa senão ser para eles o eco de um convite a experimentarem o admirável Jogo que B.-P. nos legou.

Talvez que este jornal careça da força suficiente para incutir decididamente o entusiasmo transbordante por que essa juventude anela. No entanto, à semelhança do moço que procurou Jesus no deserto, este jornal oferece, sem hesitação e convictamente, os cinco pãezinhos e os dois peixes da sua boa vontade. Que seja o auxílio de todos quantos pugnam pela elevação do escotismo em Portugal que multiplique a modesta oferta e a transforme no lauto banquete que a educação da mocidade na nossa terra aguarda.

Continuamos. Estas duas centenas de visitas aos nossos leitores representam a nossa hora de esforço redobrada, repetida. Esforço sem desânimo e sem fadiga. Por isso consideramos muito significativa e deveras oportuna a leitura de trechos desse primeiro artigo deste jornal, que um amigo teve a iniciativa de fazer na festa do «Sempre Pronto».

«Hora de esforço», mais do que uma legenda de um efémero artigo que vem a lume num periódico, essas palavras são a bandeira que têm inspirado, e que decerto sempre inspirarão, este trabalho abnegado em prol do Escotismo Português.

JOEL RIBEIRO

Agressão ao Estado Português da Índia

← Pág. 1

Como o S. P. já disse, os nossos irmãos escoteiros espanhóis foram os primeiros a manifestar-nos a sua simpatia por motivo dos acontecimentos ocorridos na Índia Portuguesa. Camaradas de outros países e correspondentes estrangeiros de companheiros nossos da Fraternal tiveram igual gesto.

Simples e de grande valor são também as palavras contidas na seguinte carta, recebida pelo Comissário Internacional do Escotismo Português e enviada pela Associação dos Escoteiros e Guias da Polónia, com sede provisória em Londres,

22 de Janeiro de 1962

Queridos Irmãos Escoteiros:

Quando em Setembro de 1939 se deu a invasão da Polónia e com ela o começo da 2.ª Guerra Mundial, Portugal foi dos primeiros países a condenar aquela agressão não provocada e a dar a sua solidariedade à nossa nação. Este gesto deu-nos apoio moral e temo-lo guardado na nossa memória agradecida.

Recentemente chegou a vez a Portugal de ser vítima também de agressão não provocada em Goa. O Mundo no qual a força física impõe soluções não é aquele Mundo Melhor que o Escotismo ajuda a construir. A nossa Associação deseja transmitir aos nossos Irmãos Escoteiros Portugueses toda a sua solidariedade e a nossa admiração pelos soldados de Portugal que se bateram com heroísmo perante as forças avassaladoras do invasor.

(a) K. SABBAT
Com. Internacional

(a) Z. SZADKOWSKI
Presidente

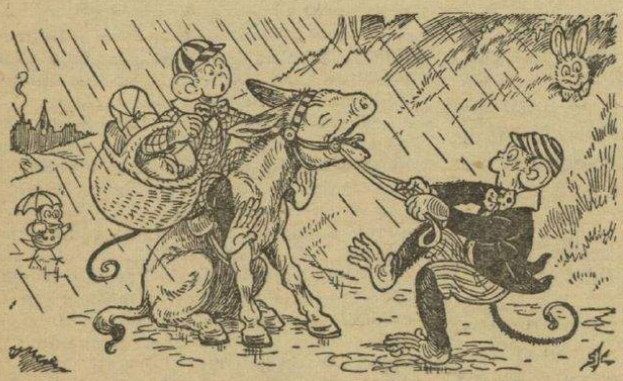
Este número foi visado pela Comissão de Censura

AVENTURAS DE FIFI

XX



Para Fifi não há, contudo, dificuldades; eis o problema resolvido da melhor maneira. É uma ideia excelente, não há dúvida. O burrico no fim da jornada, merecia comer a cenoura, não acham?



Oh, que trabalhos! O amigo de Fifi é bom cavaleiro, mas, mesmo assim, não deve ser muito agradável. Conseguirá o nosso herói que o burrico ande para a frente?



Lá voltou o Fifi a fazer tropelias. Isso não se faz. Quando o primo julgava que ia ouvir música, apanha um banho de respeito... Não está certo.



GRATIDÃO

Fazendo o seu repouso depois do jantar, Zé Corvina, industrial de pescarias em Angola, palestrava com os netos.

O filho e a nora haviam ido ao cinema. O velhote, cuja vista cansada não podia suportar as imagens do «écran», ficou em casa, fumando, deliciado, o seu cachimbo. O neto mais velho, o Joanico, havia lido no jornal a notícia de que um homem que caíra a um poço, numa aldeia, fora salvo por um pastor e não tivera para com ele qualquer recompensa. E Joanico estava indignado.

Zé Corvina afagou as suíças. Deitou uma baforada de fumo e retorquiu:

— Não julgues, Joanico, que a gratidão só se demonstra com dinheiro...

— Então, avôzinho, não acha que o homem que caiu ao poço devia ter dado uma gratificação ao pastor?

—E quanto julgas tu que vale uma vida humana? De quanto é que deveria ser a gratificação, meu rapaz?

Como o neto não respondesse, o velhote observou:

— Vou contar-te duas passagens da minha vida. Aqui há coisa de vinte anos, era eu pescador na Costa da Caparica quando salvei um fidalgote que se estava a afogar. Com risco da vida, devo dizê-lo, consegui trazê-lo para terra. Quando recuperou os sentidos, mandou-me ir a sua casa no dia seguinte. Assim fiz, e, muito friamente, deu-me uma nota de cem escudos. Agradeci e retirei-me.

— E o avô não ficou satisfeito? — perguntou Necas, o outro neto.

—Se queres que te diga, não. A maneira como ele me deu o dinheiro, *com ar de quem pagava uma dívida*, impressionou-me desfavoràvelmente. Dar não basta; é preciso saber fazê-lo.

— E o avôzinho salvou mais alguém? — perguntou Joanico.

— Sim, meu neto. É a segunda passagem que lhes vou contar. Passados dois anos, mais ou menos, fiz novo salvamento. Era um pobre homem. Nada me pôde dar. Mas o seu abraço enternecido foi para mim recompensa bastante. Foi um abraço de verdadeira gratidão.

— E depois, avô?

—Passaram-se mais três anos. Tive um grande azar na minha vida. Um fogo destruiu a minha barraca e todos os meus pobres haveres. Fiquei na maior miséria. Desorientado, estava, na praia, a fazer contas à vida, quando sinto tocarem-me no ombro. Voltei-me e vi que era o segundo homem que eu tinha salvo. *Vejo-o muito preocupado. Que tem?* — perguntou-me ele. Contei-lhe a minha desgraça. Apenas pudera salvar a roupa que tinha no corpo. O homem — chamava-se Libório — pensou um tanto e disse-me: *Ouça lá, senhor Corvina, porque é que o senhor não vai para Angola? Alí, é o paraíso dos pescadores. No sul, há grandes pescarias e fábricas modernas. O mar é fabulosamente rico de peixe. Há lá cidadezinhas onde já se vive muito bem. O senhor ainda não tem quarenta anos. Está muito a tempo de recomeçar a vida. Olhe que Angola há-de ser um novo Brasil...* Eu dava voltas ao meu carapuço. Aquelas palavras tentavam-me... Perguntei: *Mas, como posso ir se nem um centavo tenho? As minhas poucas economias desapareceram no braseiro...* O Libório respondeu: *Não se preocupe, senhor Corvina. Eu andei na escola primária com o funcionário do Ministério que trata das passagens de colonos e vou interessar-me para que lhe consigam uma viagem para Angola. Fique sabendo, senhor Corvina, que por muito que faça, nunca lhe poderei pagar aquilo que lhe devo, que é a vida...*

— E foi assim que o avô veio para Angola?

— Nem mais, meu neto. O Libório tanto se interessou, tanto se mexeu naquelas repartições, que eu cá vim parar. Comecei por pescador. Depois, passei a dono de um barquito. Hoje, graças a Deus, sou proprietário de uma grande sociedade de pesca. Mas tudo que sou, afinal, devo-o à enorme gratidão do Libório. Compara a atitude reconhecida deste pobre homem com a do fidalgote que me deu, friamente, como se pagasse uma dívida, uma nota de cem escudos...

MANUEL FERREIRA

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 da A. E. P. — ANGRA DO HEROISMO

PRIMEIRO DE DEZEMBRO

Na manhã do 1.º de Dezembro, em frente da respectiva sede e perante os componentes do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, procedeu-se ao içar solene das banheiras, em homenagem aos Heróis da Restauração, tendo o Chefe Moniz Silva aludido ao significado do dia.

VISITA CULTURAL

Após esta cerimónia, os Escoteiros partiram para a Base Aérea 4 (Lajes), em visita cultural, por amável convite do sr. Capitão Larrieu, Oficial dos Serviços de Informação da Estação Americana daquela base.

Sempre acompanhados pelo 1.º Sargento Aldridge, dos mesmos Serviços, os rapazes do 52 visitaram demoradamente o Esquadrão de Busca e Salvamento e suas dependências, incluindo um avião; assistiram a exercícios dum helicóptero; percorreram as diversas oficinas do Esquadrão de Manutenção de Aviões, e por fim visitaram a sede dos serviços contra incêndios.

Há a notar a inexcedível atenção de que os Escoteiros de Portugal e o Chefe Moniz Silva foram alvo, por parte dos senhores oficiais e pessoal de todas as secções visitadas.

Os Escoteiros em seguida almoçaram no Salão Lisboa do Clube de Oficiais Americanos. Findo o almoço, o sr. Capitão Larrieu, que também acompanhou os visitantes, foi apresentar cumprimentos e agradecer — na companhia do Chefe do 52, — ao sr. Major Pinon, director do Clube, as atenções dispensadas, especialmente a oferta dum artístico bolo, com amável dístico de saudação aos Escoteiros de Portugal.

Antes do seu regresso a Angra, os Escoteiros visitaram demoradamente as instalações da Rádio Televisão Americana, tendo nessa ocasião assistido à projecção dum pequeno filme que pelos respectivos serviços fora feito de manhã, e que foi destinado ao programa de actualidades da TV dessa noite.

NATAL DE 1961

No Domingo, 24 de Dezembro, houve uma reunião especial de confraternização na sede do 52 da A.E.P., tendo falado o Chefe Moniz Silva sobre o Natal Cristão e o seu significado para os Escoteiros. Seguiram-se algumas canções e uma poesia alusiva ao Natal, recitado pelo caminheiro Henrique Teixeira.

O Chefe do 52 dirigiu ainda uma breve e patriótica alocução aos Escoteiros, sobre os infaustos acontecimentos na Índia Portuguesa, manifestando a sua repulsa pela agressão cobarde perpetrada pela União Indiana. A terminar, todos os presentes, de pé, entoaram «A Portuguesa».

Por fim, falou o caminheiro, prof. Leopoldino Tavares, apoiando as considerações feitas pelo Chefe do Grupo e manifestando a sua completa solidariedade com os assuntos versados, sobre os quais apresentou conclusões objectivas e apropriadas.

Seguiu-se um abundante lanche, em que tomaram parte os componentes do 52, e decorreu num ambiente de verdadeira fraternidade escotista. — *C.*

* ● *

Os mais importantes anos da vida são aqueles entre os nove e os catorze. Este é o tempo oportuno para plantar as sementes do saber no espírito — depois disto é demasiado tarde. Este é o tempo para fazer conhecido do jovem o grande espírito da humanidade...

ALBERT SCHEWEITZER

Cinquenta anos de Escotismo em Portugal

Comemora-se este ano o jubileu do Escotismo em Portugal. É uma data que não pode deixar de ser devidamente assinalada. «Sempre Pronto» deseja evocar os primeiros passos do Escotismo em Portugal, registando nas suas colunas os principais factos que levaram à constituição da Associação dos Escoteiros de Portugal pelos Grupos n.ºs 1, 2 e 3. Antes destes, porém, existiu um grupo em Macau, que já foi chamado por alguém de «ante-primeiro». Foi iniciativa do Comandante Álvaro de Melo Machado, fruto do seu entusiasmo. Contaremos a história deste grupo, transcrevendo abaixo um artigo que o seu fundador escreveu em «Escotismo» em Fevereiro de 1937. No próximo número falaremos do Grupo n.º 1, fundado em 9 de Abril de 1912. Seguir-se-á uma breve história da fundação do Grupo n.º 2, em 1 de Dezembro do mesmo ano. Temos empenho em dizer alguma coisa acerca do Grupo n.º 3, mas não dispomos de muitas informações. Apelamos para os nossos leitores, antigos escoteiros deste Grupo, no sentido de nos darem apontamentos acerca da fundação desta unidade, a que presidiu o grande educador, o saudoso Dr. António Joaquim Sá Oliveira.

O Grupo de Escoteiros de Macau

Pelo COMANDANTE MELO MACHADO



Comandante Álvaro de Melo Machado

Foi simples, como todas as coisas que começam, a fundação do Grupo de Escoteiros nessa longínqua colónia portuguesa do Extremo Oriente, de onde, talvez por estranha analogia, começou a alvorecer em terras lusas a ideia de implantar entre nós o admirável sistema de educação que é o Escotismo.

Nesses recuados tempos de 1911 já sentia a necessidade de desenvolver nas crianças portugueses as qualidades de carácter indispensáveis à formação de verdadeiros homens e únicas susceptíveis de engrandecer um país; e já então lamentava que a educação dos nossos rapazes e raparigas estivesse limitada a essa asfixiante imposição de conhecimentos a que se dedicavam as nossas escolas.

O meu espírito acolheu, pois, com simpática curiosidade e, posteriormente, com o maior entusiasmo, as indicações gerais que, em conversa a propósito da educação da mocidade, me deu um professor de inglês, Mr. Nightingale, a respeito da iniciativa de Sir Baden-Powell, que então começava a expandir-se.

A leitura do livro «Scouting for Boys», que consegui obter, fez-me compreender toda a plenitude, tudo o que havia de interessante, de profundo conhecimento da maneira de ser da mocidade e das qualidades a desenvolver nos seres em formação nessa concepção verdadeiramente feliz.

A posição de destaque, que então eu possuía nessa Colónia, permitiu-me pôr em prática, ràpidamente e com facilidade, uma experiência que viesse demonstrar o que poderia esperar-se na prática do que em teoria se apresentava tão prometedor e atraente.

Graças à colaboração desse professor de inglês, do então tenente de infantaria Ernesto Torre do Vale e da filha do comissário das Alfândegas Chinesas, Miss Campell, foram constituídas duas patrulhas de escoteiras e duas de escoteiros que, ràpidamente uniformizadas, iniciaram os seus exercícios e prática de acampamento com grande entusiasmo de rapazes, raparigas e respectivas famílias.

Ali, dada a maneira como os grupos foram organizados, *de cima para baixo*, patrocinados e impulsionados com entusiasmo pela primeira autoridade da Colónia, contando com todas as facilidades, não houve a registar nenhuma das vicissitudes e entraves que, por vezes, tolheram o passo aos grupos de Portugal.

É possível que nessa primeira fase de uma tentativa conduzida com fracos conhecimentos do assunto (ninguém havido sido escoteiro) e até com imperfeita compreensão, da minha parte, de todo o espírito da ins-

Pág. 6 ——→

ANTIGOS ESCOTEIROS

TERTÚLIA

No dia 23 de Fevereiro realizou-se o habitual jantar de tertúlia dos Antigos Escoteiros, que decorreu com o entusiasmo e confraternização tradicionais. Estiveram presentes, que nos recordemos, os companheiros: Albano da Silva, Esposa e Filho; Alfredo Jorge Gallis, Álvaro Correia, Esposa e Filha; António Aug. da Silva e Cunha, Capitolino F. Macedo, Cosme Vieira Leitão, Daniel Correia, Eduardo Quintino e Esposa; Ernesto de Sousa, Humberto Martins, João H. P. Soares, Joel Ribeiro, sua Mãe e Irmã, D. Benilde; José Dionísio dos Santos; Júlio Almeida Nogueira e Esposa; Pedro Pinheiro, Serafim Morais, Wolf Karl.

Novamente a tertúlia teve o prazer de registar a presença de companheiros que pela primeira vez compareciam a estas reuniões.

D. Maria Luísa Magalhães Esteves Pereira

Esta estimada Senhora, 2.ª vice-presidente do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros e que tão de perto costuma acompanhar a actividade dos «antigos», foi submetida em Fevereiro passado, a uma operação a uma das vistas, de que se encontra quase restabelecida. Formulamos votos de boas melhoras.

* ● *

«Sempre Pronto»

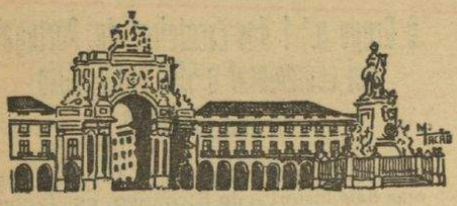
O E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva é um amigo e um colaborador dedicado de «S.P.», ao qual tem prestado excelentes serviços como nosso Delegado dos Açores. A propósito do n.º 200 do nosso jornal e confirmando o telegrama de saudações que teve a gentileza de nos enviar, escreveu-nos uma carta na qual afirma o seu apreço por este trabalho, acrescentando:

A nossa Associação muito deve ao «Sempre Pronto» no que respeita à divulgação do nosso Ideal.

E, para os Escoteiros e Grupos de per si, especialmente aqueles que, como o meu, vivem isolados no meio do Atlântico, separados por quase mil milhas de oceano de Portugal Metropolitano, desde o início da sua publicação e especialmente em épocas de maior crise para o Movimento, tem sido o «Sempre Pronto» quase sempre a única ligação regular entre a metrópole e estes grupos dispersos conseguindo desta arte ajudar a manter viva, entre as diferentes unidades do nosso Movimento, a chama sagrada do nosso Ideal.

O nosso solícito delegado refere-se ainda ao n.º 200, que afirma vir confirmar os progressos constantes do nosso jornal, que diz ser *um modelo de persistência de boa vontade, além de ser uma fonte para o nosso Movimento*, terminando com felicitações e um grande abraço para todos os que trabalham no «Sempre Pronto».

Quisemos transcrever aquele trecho da carta do E. C. Moniz Silva, porque sendo um dos bons colaboradores deste trabalho, expressa o seu apreço por um prisma diferente do habitual. Ele fala em nome daqueles se encontram isolados e a quem «S. P.» leva regularmente a mensagem de companheirismo e de fé. Obrigado, Moniz Silva, pelos votos de prosperidades para o seu jornal e, sobretudo, obrigado pela sua valiosa ajuda.



ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo n.º 79 — Palácio das Necessidades

Esta tão antiga unidade dos Escoteiros de Portugal, há tanto tempo inactiva, está passando por uma fase de reorganização e desenvolvimento graças à dedicação do presidente da sua direcção Sr. António F. Xavier de Brito, que foi chefe do mesmo grupo, coadjuvado pelo E. C. José Eduardo Pena Ribeiro.

Em 31 de Dezembro passado, fizeram promessa neste Grupo os seguintes novos escoteiros: Vítor Manuel Bica Figueiredo, Ernesto Wander-Lan Xeresa e Luís Filipe Wander-Lan Xeresa. Em 23 de Janeiro: Joaquim Manuel dos Santos, António Manuel Palma Góis e José António Martins Graça.

Os Escoteiros Ernesto Xeresa e Vítor Manuel Figueiredo foram nomeados guias das patrulhas Cão e Andorinha, respectivamente; e Joaquim Manuel dos Santos e António Góis, subguias das mesmas.

Pela sua dedicação foi louvado o Chefe da Divisão Escoteira Rui Hélder da Silva.

Por ocasião do Natal, o Grupo fez a sua boa acção distribuindo interessantes ofertas a pessoas pobres da freguesia, aplicando assim donativos que tinham sido recolhidos em 1960.

Para treino dos novos escoteiros, a Divisão Escoteira realizou um interessante exercício de patrulhas na Serra de Monsanto, no Domingo, dia 11 de Fevereiro passado.

GRUPO N.º 94 — Ajuda

Em 18 de Fevereiro, este Grupo realizou uma excursão pedestre a Queluz, que teve início em Caxias. A actividade decorreu animada, tendo-se efectuado jogos de pista e outros, procurando-se observar e fixar terrenos para acampamento.

Em Queluz, foi feita uma visita cultural ao Palácio, que bastante agradou aos Escoteiros.

Coragem

Todos os rapazes conhecem o nome Royce, não é verdade?

Mas talvez nem todos saibam que esse homem que inventou o motor Rolls-Roice teve de lutar corajosamente com grandes dificuldades para alcançar a sua alta posição no mundo industrial.

Filho de pais muito pobres, começou a ganhar a vida, muito pequeno ainda, vendendo jornais. Mas era um rapaz corajoso e inteligente, e aproveitava todas as oportunidades para desenvolver a sua inteligência. À força de muito trabalho e privações chegou a ser engenheiro. Propôs então no seu coração construir um motor que fosse o melhor, mais poderoso e mais digno de confiança que qualquer — e conseguiu-o!

Mas a falta de dinheiro não foi a maior dificuldade que Royce teve de vencer. Muito maior dificuldade foi a doença que por muitos anos o impediu de sair de casa. Mas triunfou sobre a doença: mesmo sem ir ao escritório, trabalhava e dirigia o trabalho dos seus colaboradores.

A coragem é uma coisa muito importante. Comparado com ela, o dinheiro é insignificante. Um rapaz com dinheiro e sem coragem não irá longe; mas um rapaz sem dinheiro e com coragem poderá fazer grandes coisas.

De «*Raio de Sol*»

Homenagem à memória do

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

No mês de Fevereiro último passou o 1.º aniversário da morte do Dr. Alfredo Tovar de Lemos, essa figura inesquecível de escoteiro que conserva um lugar de notável preponderância, não só nas nossas lembranças, como na história do Escotismo em Portugal.

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, de que o Dr. Tovar de Lemos foi um dos mais entusiastas impulsionadores, aproveitando a passagem dessa data, promoveu uma manifestação fúnebre junto do túmulo do insigne dirigente escotista, no cemitério do Alto de S. João, homenagem a que se associou o Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal, bem como os dirigentes da Região de Lisboa dos Escoteiros de Portugal, de diversos grupos escoteiros e da Fraternal dos Antigos Escoteiros e de todas as corporações de Bombeiros Voluntários da Capital e seus arredores e, ainda, do Batalhão de Sapadores Bombeiros, cujo 2.º Comandante também ali compareceu. Estava também presente uma deputação do Dispensário de Higiene Social.

Junto do túmulo do saudoso escoteiro, na presença da viúva, sr.ª D. Rosa Tovar de Lemos, e do neto, sr. Eng.º Luís Tovar de Lemos, o vice-presidente dos Voluntários de Lisboa, sr. José Dias Ferreira, fez o elogio do Dr. Tovar de Lemos, evocando a obra do homem ilustre, cujas cinzas estavam ali depositadas. Usaram tambem da palavra os directores daquela corporação srs. Fernando Miguel Marques e Manuel Vítor da da Silva.

O jazigo do Dr. Tovar de Lemos, no final desta sentida manifestação de saudade, encontrava-se juncado de flores que os organismos a que ele emprestou o calor do seu entusiasmo e o brilho da sua inteligência ali depositaram.

FILATELIA

CEILÃO

Em 26 de Fevereiro passado, os correios do Ceilão emitiram dois selos comemorativos do acampamento nacional da respectiva associação nacional. São das taxas de 1 rupia e c. e 2 rupias e 60 c.

II Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Prosseguem activamente os preparativos para esta exposição, que se vai realizar em Maio com o pat ocínio do Correio-Mór e dos C.T.T.; Clube Filatélico de Portugal e deste Jornal.

A secção filatélica da Fraternal prepara a emissão de um postal comemorativo e de uma vinheta, que foi já aprovada pelos C.T.T.

O respectivo regulamento está elaborado e contamos publicá-lo no próximo número. Entretanto, todos os filatelistas interessados, escoteiros ou guias de qualquer associação, devem dirigir-se àquele Secção Filatélica, Fraternal dos Antigos Escoteiros, Rua de S. Paulo, 254-1.º, Lisboa 2.

Intercâmbio por correspondência

ESPANHA

Juan Mougé Vilarnau, residente em c. Despoulado, 20, Salitja (Gerona) em Espanha, escreveu-nos dizendo que gostaria de trocar correspondência com escoteiros portugueses de idade aproximada a 14 anos. Seriam usadas as duas línguas.

Quem deseja escrever para este companheiro?



Grupo n.º 17 — PORTO

Este Grupo foi visitado, em Dezembro passado, pela Guia brasileira D. Maria Teresa. Nesta ocasião, foram corridos filmes sobre «Guidismo», que a assistência aplaudiu, tendo despertado grande interesse nas famílias de futuras guias.

A mesma senhora voltou a visitar a sede do Grupo 17 em 23 de Janeiro, onde se entrevistou com algumas senhoras intereressadas no Movimento Guidista.

Este Grupo visitou em 26 de Janeiro o Grupo n.º 4, de Paranhos. Nesta mesma altura, a Sr.ª. D. Maria Teresa visitou aquela unidade, onde falou às pessoas presentes acerca do Guidismo dissertando sobre a Lei das Guias. Também usou da palavra o Chefe Arnaldo Couto e o simpatizante do Escotismo sr. Humberto Barbosa.

Reina grande entusiasmo pelo Movimento das Guias, ao qual desejamos as maiores prosperidades.

Em 4 de Fevereiro, o «17» realizou um bivaque para abertura das actividades de campo.

Ainda em Dezembro, efectuou uma visita de estudo à Igreja de S. Francisco.

Por ocasião de festa de inauguração, além dos elementos citados, fez também a sua Promessa o lobito Jaime Lamego Lopes. — *C.*

Grupo n.º 44 — GAIA

Este Grupo iniciou no passado domingo, os seus trabalhos de campo, tendo-se deslocado para o lugar de Maria Pia, na Gervide, onde foi montada uma ponte tipo Himalaia e realizados outros trabalhos tipo sapador.

Perante numerosos visitantes que assistiram interessados aos trabalhos da curiosa ponte, realizaram-se também as provas de quatro aspirantes que prestaram depois o Compromisso de Honra, e são os novos escoteiros António Manuel Barreira, David Barreira, Aníbal Águas e Joaquim Ferreira Dirigiu os trabalhos, tendo feito uma prelecção alusiva ao acto, o chefe António Pinto Moreira.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 3'62

OS JOGADORES DE BOTÕES

João, Paulo e António tinham, cada um, antes de começar a partida, um número de botões respectivamente proporcional a 3, 4 e 5.

Depois da partida, possuíam um número de botões respectivamente proporcional a 15, 16 e 17. Um dos três ganhou 6 botões.

Quem foi que perdeu e qual era o número total de botões?

Solução do problema n.º 2/62

1.º — É 29. Este número multiplicado por si próprio dá 841. Menos 435 é igual a 406. Ora 426 com 29 são 435.

2.º — Eram 61 prédios.

Cinquenta anos de Escotismo em Portugal

O Grupo de Escoteiros de Macau

← Pág. 4

tituição, esses grupos pecassem um pouco por demasiada exteriorização. Mas, com essas lacunas inevitáveis e com o pouco tempo de que eu podia dispor para me dedicar a essa experiência (que não poucos considerariam de visionismo próprio da minha pouca idade de então — 27 anos), devo dizer que me não falhou a compreensão nítida de que, se esse sistema de educação viesse a poder generalizar-se, seria indispensável dispor de um *manual em português*, que pudesse dar uniformidade a todos os esforços dos que viessem a dedicar-se ao Escotismo e fornecer-lhes os necessários ensinamentos.

E foi assim que, desde o primeiro momento, se começou a traduzir, adaptar e imprimir o «Scouting for Boys».

Saí de Macau quando apenas algumas folhas desse trabalho estavam impressas e com elas vim para Lisboa, tentar depois na Associação dos Escoteiros de Portugal, e de novo, a publicação do manual do escotismo em português. Mais algumas folhas impressas e outra vez essa publicação emperrou com a minha partida para Lourenço Marques, em 1914.

Vão decorridos tantos anos; o Escotismo em Portugal progrediu e desenvolveu-se; mas... ainda não foi possível conseguir a publicação desse manual.(1) Estranha situação!

O que parecia ser essencial e deveria ser o início de todo o movimento — o Manual — é o que não há maneira de se conseguir!

Mas, enfim, fundou-se, assim tão simplesmente, o Grupo misto de Macau — e, simplesmente, sem pretensões, se começou um Manual em português.

O Grupo, falto de quem o impulsionasse, creio que se atrofiou até desaparecer. Mas o Escotismo marchava já em Portugal. O Manual do Escotismo, esse, ficou, pouco mais ou menos, onde estava, espelho fiel da expansão incompleta e insuficiente que o Escotismo teve no nosso País. (...)

(1) Este artigo foi escrito há 25 anos. Presentemente dispomos já de uma boa tradução do «Scouting for Boys» e de outros livros de B. P., bem como de manuais de provas de classe.

As fumaças de um cigarro

(Imitação rimada)

«Sem ser um matemático algebrista»
(Ao cigarro pedante ouvi dizer)
«Vou provar que não há quem me resista
«Nos cálculos que eu posso resolver.
«No sistema nervoso dum rapaz
«Perturbações eu somo, e não me engano!
«No físico inteiro tu verás
«Que energias subtraio ao corpo humano.
«Seu sofrimento e a dor eu multiplico,
«E seu labor mental dividido então;
«Pesado juro ao seu trabalho aplico.
«Bons descontos arranco ao coração.
«Tiro a prova real desta miséria
«E o resto deixo certo: nada e nada!»
Quereis vós uma escola tão funérea?
Que vos parece a reles tabuada?
Tais fumaças tomou naquele acervo, o cigarrinho
Que eu o não quis fumar, nem fumarei.
Não! que principiando por meu servo, de mansinho,
Chegava a ser meu senhor e rei.

EDUARDO MOREIRA

De «Raio de Sol»

O Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal vai comemorar o 50.º aniversário da sua fundação

No dia 9 do próximo mês de Abril passa uma data histórica do Escotismo em Portugal: trata-se do 50.º aniversário do Grupo n.º 1, esse glorioso Grupo por onde passaram algumas das mais nobres figuras que o movimento de B.-P. pôde congregar neste cantinho da Europa.

Tal data não poderia ficar despercebida no calendário do Escotismo Português. Dentro dessa ordem de ideias, um grupo de antigos escoteiros do *Um* animados pelo espírito cintilante de Ernesto de Sousa, que temos o privilégio de ver novamente entre nós, vai procurar que o acontecimento tenha a assinalá-lo as celebrações a que tem jus. Para isso, vai ser nomeada uma Comissão, composta não só de antigos escoteiros desse grupo, como também de actuais dirigentes, os quais estudarão as cerimónias que se hão-de realizar por esse motivo.

Todos os escoteiros do Um devem dar o seu concurso a esta comemoração, que se pretende seja digna das tradições daquela unidade escotista. Todas as sugestões são bem vindas e, talqualmente as adesões, devem ser apresentadas ao antigo dirigente do grupo, sr. Cosme Vieira Leitão, Rua Francisco Metrass, 40-2.º, em Lisboa-3, o qual as transmitirá à Comisssão que vai ser constituída para o efeito.

Os escoteiros de todo o país devem regozijar-se com este acontecimento, porque, além de se tratar de um grupo histórico do nosso movimento, envolve personalidades que, ainda hoje, dão o valor da sua cooperação aos diversos sectores dos Escoteiros de Portugal.

As comemorações das Bodas de Ouro do Grupo n.º 1 também vão ter como objectivo o estudo dos meios de acção que podem ser colocados ao serviço do desenvolvimento do Escotismo em Portugal.

XVII Aniversário de «Sempre Pronto»

Também o nosso dedicado amigo e colaborador sr. prof. António Álvaro Dória teve a amabilidade de nos escrever para nos felicitar pelo 17.º aniversário de «Sempre Pronto» e diz: *Nunca é tarde para se manifestar a satisfação e o contentamento que nos enchem a alma quando Amigos nossos completam mais um ano e nessa altura vêem à sua volta uma plêiade de veteranos como aquela que se reuniu no «Granada».*

Portanto, antes de tudo o mais um forte abraço de felicitações pelos galhardos 17 anos do «Sempre Pronto» com votos de longa vida livre das dificuldades que entre nós parecem fazer parte das actividade da pequena imprensa. (...)

Agradecemos as boas palavras do nosso companheiro e amigo, que tanta simpatia e interesse dedica a «S. P.».

Eng.º José Maria Nobre Santos

Ao deixar recentemente as funções de Chefe Regional do Centro, este nosso amigo teve a gentileza de escrever ao Director de «Sempre Pronto» apresentando cumprimentos e agradecendo a colaboração por este jornal dispensada à actividade desenvolvida naquele sector associativo. E acrescenta: «Deixei uma função para mais me poder dedicar à tarefa de chefes. Espero poder continuar a contar com a vossa colaboração profícua neste novo posto, um dos mais importantes que tenho entre mãos».

Não tem o ex-Chefe Regional nada que agradecer, visto que a missão deste jornal é colaborar em tudo que vise o desenvolvimento e progresso do Escotismo ao serviço da juventude de Portugal. Neste sentido, o trabalho de formação chefes não pode senão dispor destas colunas.

O que é o Escotismo

(Publicado no «Raio de Sol» com o título de «O que é Cristianismo»)

No lar, é bondade;
No negócio, honestidade;
Na sociedade, cortesia;
No trabalho, correcção;
Na infelicidade, compaixão;
Na fraqueza, auxilio;
Na maldade, resistência;
Na fortaleza, confiança;
No arrependimento, perdão;
Na felicidade, congratulação;
Em Deus, reverência e amor.

★ ● ★

IMPRENSA

VIDA SÃ

Este Boletim Mensal da Sociedade Portuguesa de Naturalogia, que tem vindo a fazer constantes progressos, iniciou com o seu número de Janeiro passado o nono ano de publicação. Felicitamos os seus dirigentes pelo aniversário e pelos êxitos alcançados, com votos de longa vida.

BRASIL

Está publicado o n.º 19, de Janeiro passado, desta excelente revista publicada pelo Serviço de Propaganda e Expansão Comercial da Embaixada do Brasil, dando-nos excelentes quadros da actualidade brasileira. Através de muito boa colaboração, acompanha-se o desenvolvimento industrial, intelectual e artístico da nação irmã. Este número é acompanhado de um suplemento infantil com interessantes contos de Natal.

* ● *

PUBLICAÇÕES

Actas do Primeiro Congresso Nacional de Saúde Mental

Está publicado um excelente volume contendo as Actas deste importante congresso que se realizou em Lisboa em Novembro de 1960. Através destas páginas toma-se contacto com os importantes problemas de saúde mental discutidos e estudados naquela reunião, problemas que foram apresentados pelas mais representativas figuras da ciência médica nacional.

Agradecemos o exemplar enviado.

• o •

Grupo n.º 53

Foi nomeado para chefiar este Grupo que tem a sua sede anexa à Catedral de São Paulo, na Rua das Janelas Verdes, o sr. Nelson Dias Horta, que se encontra já no desempenho do cargo.

O Grupo tem as suas reuniões aos sábados, às 21 horas, estando aberta a inscrição para novos escoteiros.

A Alcateia do Grupo também se encontra em reorganização, pelo que os antigos escoteiros do grupo podem fazer ali inscrever seus filhos.



Grupo n.º 6 — OLHÃO

Há muito tempo que este grupo não dá sinal de si, apesar da sua actividade não ter esmorecido.

Vai singrando, com o efectivo bastante seleccionado e, por consequência, reduzido; sem retumbâncias de êxito reflectido em *cartaz de propaganda*; modestamente, metòdicamente, procurando os seus dirigentes cingi-lo em molde verdadeiramente escoteiro.

Reunimos duas vezes em cada semana; acampamos às vezes; trabalhamos, sempre.

O ambiente local é, parcialmente, refractário a missões culturais e educativas. Mas caminhamos, vencendo as dificuldades sorrindo e assobiando...

Não! O velho Seis não morreu! No dia 17 de Janeiro, pudemos registar mais um aniversário — o 37.º

Em reunião geral, o Presidente, antigo escoteiro, sr. Lourenço Mendonça, apôs na bandeira mais uma estrela. Em seguida, deu posse aos novos vogais da direcção, antigos escoteiros, srs. Diamantino Piloto e Fernando Ferreira. Depois, teve lugar a ratificação do Compromisso de todos os caminheiros e escoteiros. Por último, foi dada posse efectiva ao escoteiro-chefe-ajudante, Sr. Marçal Lopes, que, também, ratificou o seu Compromisso.

Foi tudo. Não pensámos em programa recreativo, neste momento em que os nossos irmãos «Sempre Prontos» arriscam as suas vidas no Ultramar. — C.

★ ● ★

Anedota...
mas verdadeira

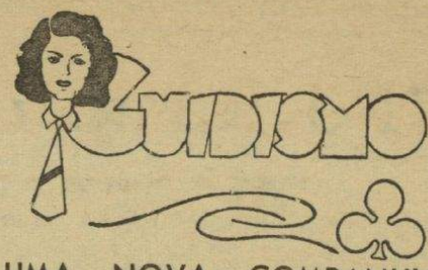
O caso passou-se há poucas semanas e é verdadeiro. Chegou ao nosso conhecimento através de um telegrama da Agência «F. P.» publicado na imprensa diária em 7 de Fevereiro passado.

BRUXELAS, 6 — Num jogo que organizaram nas ruas desta cidade, escoteiros raptaram, por engano, um rapaz que não tinha disposição para aquela brincadeira — o pior é que os pais apresentaram queixa por tentativa de rapto.

Os escoteiros tinham combinado raptar um camarad a à esquina de uma rua. Para dar maior veracidade ao caso, os pais de um deles emprestaram-lhes um automóvel.

Na hora «H», os rapazes puseram-se à espera da vítima. Atiraram-lhe um cobertor por cima da cabeça e meteram-no no carro. O «raptado» esperneou e vociferou com quanta força tinha, o que ainda mais entusiasmou os escoteiros, encantados com a perfeição com que o amigo desempenhava o seu papel. Por sua vez, aqueles representaram o deles com realismo e ameaçavam a vítima: «Vais pagá-las todas juntas, diziam. Farás uma viagem até à Arábia, dentro de um caixote».

Parte da promessa foi cumprida. Amarrado como um paio, o rapaz foi metido num caixote. Terminada a brincadeira, abriu-se aquele e foi então que os escoteiros ficaram apavorados ao verificarem que não conheciam a vítima. O rapaz não era o escoteiro que devia representar o papel de raptado, mas um simples «paisana». — (F. P.)



UMA NOVA COMPANHIA

Na Catedral de São Paulo, na rua das Janelas Verdes, da Igreja Evangélica Lusitana, acaba de ser fundada uma nova Companhia das Guias de Portugal, a 9 ª, tendo-se realizado ali no dia 11 do corrente, durante o serviço religioso da manhã, a cerimónia da Promessa das novas Cuias.

O Revm.º Bispo Dr. Luís Pereira, no final da homilia, referiu-se aos ideais escoteiros e expressou a sua satisfação pelo acto que se ia realizar.

A Guia Chefe, sr.ª D. Júlia Ribeiro, tomou a promessa da Chefe da Companhia sr.ª D. Ilda Correia, que solenemente fez o seu compromisso afirmando também o seu propósito de contìnuamente se interessar pelas guias da sua Companhia para que fossem boas crentes, boas cidadãs e boas guias.

Seguidamente prestaram promessa as novas guias: Maria Luísa Nunes Rego, Maria da Graça Nunes Rego, Maria da Glória Lino, Isabel Lino, Leopoldina Albuquerque Marques, Maria do Carmo Carrega Lopes, Beatriz das Dores Correia e Joaninha Figueiredo.

A Comissária brasileira Sr.ª D. Maria Teresa de Melo, que durante algum tempo tem estado em Portugal cooperando no treino de chefes das guias de Portugal, colocou os escalpes nas novas guias, e o Rev. Eduardo Moreira invocou a benção para as guias.

A Companhia está animada de muito entusiasmo e outras meninas se preparam para ingressar no seu efectivo.

• o •

E. C. Armando Lino

Em recente Ordem de Serviço da A E.P, foi exonerado de Chefe do Grupo n.º 53, o nosso estimado assinante E. C. Armando Lino, cargo que efectivamente já não exercia em virtude de circunstâncias imperiosas da sua vida. É muito oportuno, no entanto, salientar os relevantes serviços que Armando Lino prestou ao Escotismo e, particularmente, ao Grupo n.º 53, a que dedicou muito do seu entusiasmo e da sua mocidade.

Tendo feito promessa como escoteiro em 1 de Dezembro de 1933, desempenhou ali diversos cargos e missões, sendo promovido, em 28 de Fevereiro do ano seguinte, a Guia da Patrulha Leão. Foi ainda guia das patrulhas Elefante e Cão, e foi promovido em Dezembro de 1935 a Guia de Secção. Em Junho de 1942 foi nomeado Chefe Administrativo do Grupo e em Setembro de 1943 assumiu a chefia da unidade, cargo em que se manteve com alta dedicação enquanto a sua saúde lhe permitiu.

Em Setembro de 1951 foi nomeado para Subchefe do Contingente Português que representou os Escoteiros de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas em Inglaterra, missão em que os seus dotes de dirigente se evidenciaram na estima do Chefe do Contingente, E. C. Moniz Silva, e de todos os Escoteiros que participaram na jornada.

Possui a medalha de Dedicação, classe prata, e na sua folha de matrícula estão registados oito louvores por variados serviços prestados. Mas a sua maior recompensa é s amizade sincera dos muitos escoteiros a companheiros que passaram pelas fileirae do «53», a que se associam todos os que trabalham no »Sempre Pronto».

A prova evidente do espírito escoteiro do Chefe Lino revela-se no facto de seus quatro filhos, duas meninas e dois rapazes, pertencerem ao nosso Movimento como Guias e Escoteiros.

TEATRO ESCOTEIRO

"No Rumo da Lei"

PEÇA EM 2 ACTOS

POR LOBO VELHO

PERSONAGENS

Pai — O Sr. João de Sousa, homem de 40 anos.
Mãe — Uma senhora da mesma idade.
Carlos — Um rapaz de 16 anos.
Luís — Um rapaz de 17 anos.
Guia — Pedro, um rapaz de 17 anos.
Chefe — Um jovem de 20 a 30 anos.

Membros da Patrulha — Outros seis rapazes de idades variáveis de 14 a 16 anos.

1.º ACTO

(Continuação do n.º 199)

Pai — Está bem. Tens razão. Sabes que eu aprecio bastante a tua maneira de pensar e, sobretudo, a forma como encaras os deveres de mãe. Mas não te zangues por eu dizer que não gostas de cinema. E olha que é uma arte bem interessante e nos oferece espectáculos de uma beleza extraordinária. Enfim é uma coisa do século em que vivemos.

Mãe — Ainda desta vez te enganas. Aprecio e gosto muito de cinema. No entanto, tenho de reconhecer que o pano reproduz tudo que o projector lá fixar. Bons filmes, educativos e culturais, úteis sobre todos os aspectos. Mas também reproduz maus filmes, sensuais, onde tudo se aprende desde o pugilato ao roubo. De certa maneira, o pano é como o carácter dos nossos filhos. Aquilo que nós e o meio lá projectarmos é o que lá se grava.

Pai — Está bem. Para te fazer a vontade, vou ser um pouco mais rigoroso com o cinema. Estás satisfeita?

Mãe — Obrigada, João! Mas olha não é só o cinema. São os bailes, as noitadas e outras coisas contra as quais devemos estar prevenidos a bem da educação dos nossos filhos. E devemos ter estes cuidados exactamente porque os estimamos e queremos vê-los homens dignos.

Pai — Vá lá! Também tens que dizer dos bailes? Parece-me que exageras. Lembra-te que é nessas reuniões que se aprende a viver em sociedade.

Mãe — Pois é Não há dúvida nenhuma que contribui bastante para dar um pouco de polimento às relações sociais. Mas olha que esse polimento é muitas vezes fictício. Debaixo dele ocultam-se frequentemente os mais baixos sentimentos e a mais refinada maldade. Cultiva-se muito a etiqueta e pouco a lealdade e o cavalheirismo.

Pai — Tem paciência, mas agora é que decidamente não estou de acordo contigo. Acho — e julgo que tenho toda a razão — que o baile é inofensivo.

Mãe — Não é e tu sabes bem que não é.

Pai — Olha, se fosse uma rapariga, enfim, talvez a não deixasse ir ao baile...

Mãe — Afinal parece que começas a concordar comigo. Estavas com certeza a lembrar-te da Luísa.

Pai — Sim, reconheço que para muitas raparigas, não para todas, o baile é mau conselheiro.

Mãe — Se é mau para as raparigas não podemos considerar que seja bom para quem pode contribuir para esse mal. De resto, olha que os rapazes, de «sangue na guelra», com os sentidos excitados, saem dessas estúrdias sem força de vontade para resistir à primeira tentação e são fàcilmente arrastados por amigos mal intencionados para actos que não dignificam.

Pai — Eu também frequentei bailes e não segui maus caminhos.

Mãe — Também eu tenho há muitos anos o meu espelho e tu ainda ontem compraste um e já o quebraste.

Pai — Está bem. Mas a educação dos rapazes depende muito dos nossos exemplos. E eles cá em casa não vêem maus exemplos.

Mãe — Sim, isso é verdade. No entanto, os rapazes nem sempre seguem os exemplos dos pais. É mesmo natural neles o desejo de afirmar a sua personalidade e proceder de forma diferente daquilo que os pais lhes aconselham. Olha: Chamam-nos o mesmo que tu há pouco me chamaste — «botas de elástico».

Pai — Desculpa. Não quis ofender-te!

Mãe — Já ao Carlos não dás a mesma liberdade que ao Luís. Eu gostava bastante de que ele fosse Escoteiro. Gosto daquela educação, que serve ao mesmo tempo para os afastar de todas essas coisas que tanto os prejudicam. E os rapazitos parecem todos ser muito bons companheiros. Tenho é medo das estafadeiras e dos acampamentos.

Pai — Tenho de estar sempre em contradição contigo! Acho que os acampamentos e as marchas são bons para o revigoramento físico e para criar espíritos enérgicos, desenvolvendo o espírito de iniciativa e tenacidade. Mas da educação é que eu não gosto.

Mãe *(muito admirada)* — Porquê?

Pai — Porque me parece muita pieguice junta aquela coisa de pensar só nos outros: Boas acções, serviço do próximo e...

Mãe — Não vamos discutir moral.

Pai — *(À parte)* — Ai não, não!...

Carlos *(entrando)* — Boa noite, mãezinha. Boa noite meu, pai *(beijando ambos)*.

Mãe — Então vens satisfeito?

Carlos — Ó mãezinha, cada vez gosto mais daquilo!

Pai — Que foi que vocês lá fizeram? Marcar passo e jogar à bulha, não?

Carlos — Não, paizinho. Está muito enganado! Vá lá um dia e verá que aquilo não é nada do que o paizinho pensa.

Mãe *(saindo)* — Deixa me ir fazer o chá.

Pai — Então vamos lá a saber o que foi que aprendeste hoje nos Escoteiros.

Carlos — A principal instrução foi de primeiros socorros. O Chefe esteve a ensinar como proceder em caso de hemorragias externas.

Pai — Ficaste sabendo?

Carlos — Fiquei. Até tive pena de não ter aprendido há mais tempo. Se eu já soubesse quando foi aquele desastre lá na escola, o Cardoso não teria perdido tanto sangue.

Pai — Pronto! Lá estás tu a ralar-te com os outros. Trata de ti!

Carlos — Então, pai, faz algum mal nós sermos úteis ao nosso semelhante?

Pai — Mal não faz, mas é pieguice!

Carlos — Ó, meu pai, não seja assim! Como o mundo seria feliz se todos os homens se preocupassem em se ajudar uns aos outros!...

Pai *(embaraçado)* — Foi isso que o teu Chefe te ensinou, não foi?

Carlos — Foi! E eu achei que tinha muita razão.

Mãe — *(entrando com uma bandeja com um bule de chá fumegando e respectivas chávenas, que coloca em cima da mesa)* — Vamos tomar o chàzinho!

Pai — Não calha mal!

Carlos — E então que está quentinho!

(A mãe vai deitando o chá nas chávenas e entrega uma a cada um. Sentam-se e tomam o chá com satisfação).

Pai — Tenho estado para aqui a tagarelar, aparentemente muito descansado, no entanto sinto-me bastante preocupado com o que se irá passar no escritório.

Mãe *(enquanto o Carlos suspende o chá e olha apreensivo para o pai)* — Há alguma novidade?

Pai — Talvez e muito grave. Se não se conseguir liquidar um compromisso importante, teremos certamente uma penhora, o que significa o encerramento da casa.

Mãe *(aflita)* — Mas isso é o desemprego!...

Pai — Pois é. Em todo o caso ainda tenho esperanças de que a situação se resolva. Não te aflijas que ainda é cedo para isso. Vamos a ver amanhã o que se pode fazer.

Carlos — Deus há-de ajudar-nos...

Pai *(interrompendo)* — Mau!... Bebe o chá... Bebe o chá...

Carlos *(acabando de beber o chá)* — Se me dá licença vou-me deitar.

Pai — Vai sim.

Mãe — E amanhã tens de te levantar cedo. Entras às 8 horas na escola.

Carlos *(beijando os pais)* — Boa noite, mãezinha, até amanhã! Adeus, meu pai, muito boa noite! *(sai para o interior).*

Mãe *(depois de alguns momentos de silêncio, enquanto arruma as chávenas na bandeja)* — E tu não te vais deitar, João?

Pai — Não, espero pelo Luís.

Mãe — Deita-te, que espero eu.

Pai — Vai deitar-te tu, que eu é que espero pelo rapazinho.

Mãe — Então faço-te companhia.

Pai *(contrariado)* — Já disse que te deites. Eu é que autorizei que ele saísse e, portanto, sou eu que devo esperar.

Mãe — Pronto, não te zangues, até já. *(sai para o interior levando a bandeja).*

Pai *(puxa pelo jornal mas não consegue ler. Nervoso, vê as horas Vai à janela, olha ao longo da rua, e dá algumas voltas pela sala. Visìvelmente aborrecido volta a sentar-se e vê as horas, exclamando)* — Sim senhor! Quase uma hora e o menino não aparece... Deixa-me ficar mal... *(Volta a pegar no jornal, insiste em ler e, de vez em quando, olha para o relógio).*

Luís *(entrando a medo)* — Boa noite, paizinho!

Pai *(exaltado)* — Agora é que são horas?

Luís — O pai bem sabe onde eu fui!...

Pai — O cinema acaba por volta da meia noite e são já uma e meia...

Luís — Estive com uns amigos a conversar no café.

Pai — Sim, bem sei, não vê esses exemplos cá em casa.

Luís — Desculpe paizinho!

Pai — Vá se já deitar e veja se toma juízo!

Luís *(humilde)* — Boa noite paizinho! Até amanhã. *(sai para o interior).*

Cai o pano

(FIM DO PRIMEIRO ACTO)

(Continua no próximo número)